



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

**FELIPE LINS DA COSTA CAMPOS
PEDRO SOARES BRITTO**

“BACULEJO: ELEMENTOS SUSPEITOS EM REVISTA”

Salvador
2012.2

**FELIPE LINS DA COSTA CAMPOS
PEDRO SOARES BRITTO**

“BACULEJO: ELEMENTOS SUSPEITOS EM REVISTA”

Memorial apresentado como requisito à obtenção de grau de bacharel em Comunicação Social com habilitação em jornalismo, no caso de Felipe Campos, e Produção em Comunicação e Cultura, no caso de Pedro Britto.

Orientador: Prof. Dr. Maurício Tavares

Salvador
2012.1

RESUMO

Esta memória trata do processo de produção e elaboração da revista cultural “Baculejo: elementos suspeitos em revista”, que traz textos de jornalismo literário, ensaios fotográficos, ilustrações, crônicas, conto e poesia produzidos entre os anos de 2007 e 2013. Aqui se encontra a descrição da proposta do produto, o seu processo de construção e a trajetória de seus autores durante a graduação em Comunicação pela Universidade Federal da Bahia. Por fim, este trabalho esclarece as fundamentações teóricas para a concepção da revista e se encerra com as considerações finais dos autores a respeito de todo o processo de elaboração do produto.

Palavras-chave: jornalismo; jornalismo cultural; jornalismo literário; jornalismo de revista.

SUMÁRIO

| | | |
|-------|--|----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 5 |
| 2 | OBJETIVO | 6 |
| 2.1 | OBJETO | 6 |
| 2.1.1 | Mídia: revista | 7 |
| 2.1.2 | Elementos estruturais | 8 |
| 3 | FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA | 10 |
| 3.1 | JORNALISMO CULTURAL | 10 |
| 3.1.1 | Pequeno excurso histórico-conceitual | 10 |
| 3.1.2 | O papel das revistas no jornalismo cultural moderno | 11 |
| 3.1.3 | No Brasil | 12 |
| 3.2 | JORNALISMO LITERÁRIO | 14 |
| 3.2.1 | Pequeno histórico | 15 |
| 3.2.2 | Jornalismo literário no Brasil | 15 |
| 3.2.3 | Jornalismo literário na Bahia | 16 |
| 4 | JUSTIFICATIVA | 17 |
| 4.1 | TRAJETÓRIA | 17 |
| 4.1.1 | Pedro Britto | 17 |
| 4.1.2 | Felipe Campos | 20 |
| 4.2 | RELEVÂNCIA | 22 |
| 5 | DESENVOLVIMENTO DO PRODUTO | 13 |
| 6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 27 |
| 7 | REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 28 |
| 8 | ANEXOS | 29 |

1 INTRODUÇÃO

Seções culturais continuam entre as páginas mais lidas e queridas dos jornais diários. Revistas de jornalismo literário são alvos de coleções e adesão incondicional de leitores. Entretanto, a cada vez mais corrida rotina nas redações e o encurtamento de espaço para o “elemento textual” deixam estes campos do jornalismo cada vez mais restritos e rasos. Seja pela consolidação da indústria da informação, que submete tudo ao lucro, seja pela falta de consciência e ousadia, não é difícil constatar que é cada vez mais complicado se deparar, nos dias de hoje, com publicações que consigam levar ao leitor reflexões profundas e extensas sob a linguagem de amplo alcance que o jornalismo possibilita. O panorama apresentado para o mercado brasileiro se amplia ao máximo quando focado na praça de Salvador, onde o jornalismo deste tipo, com maior riqueza e aprofundamento, é praticamente inexistente no mercado. É esta crise e este jornalismo que nos interessa neste trabalho.

Pretendemos forjar, ao longo dessas páginas, subsídios para a sustentação de uma revista cultural piloto, a saber, “Baculejo – elementos suspeitos em revista”, que seja exemplo do bom jornalismo literário e cultural. Aquele que soma requinte visual e textual com o caráter noticioso do jornalismo. Procuramos dialogar com o percurso histórico e emaranhado que o jornalismo cultural percorreu desde o surgimento da *The Spectator*, em 1711, na Inglaterra. “Baculejo” surge como tentativa de ser mais um exemplo deste tipo de jornalismo. Por outro lado, a revista se refere à localidade onde se situa, a cidade de Salvador, os seus costumes, os seus personagens, o seu modo de vida. De um lado, a globalidade da trajetória do jornalismo cultural e literário (inclusive, brasileiro), de outro, a localidade dos temas soteropolitanos.

Com a experiência adquirida, tanto nas redações de jornalismo, quanto nas agências de comunicação, o produto acima exposto dialoga com os objetivos profissionais de seguir carreiras que sejam pautadas não só pela lógica que rege a maior parte do mercado local, mas, sim, e também, propondo um modelo mais elaborado de veículo de comunicação para o público-leitor-alvo: quem deseja ler.

2 OBJETIVO

Entendemos que o papel das revistas culturais, a saber, o de levar reflexões do mais alto nível, aliada a uma linguagem jornalística acessível, aos seus públicos, não vem sendo oferecido pelo cenário jornalístico brasileiro (PIZA, 2010, PENA, 2008) – na Bahia, pior. Pelo menos não a contento – há sempre as exceções de praxe.

Aqui, propomos, portanto, a elaboração de uma revista cultural piloto que consiga aliar requinte estilístico e temático sem ser formal ou inacessível. Diante deste atual momento, no cenário brasileiro e internacional, de carência com relação a este tipo de publicação, objetivamos aproveitar a oportunidade que este trabalho de conclusão de curso nos oferece, livre das coerções mercadológicas dos jornais e editoras, para construir um protótipo de revista cultural que ocupe esse vácuo deixado pelo panorama de publicações contemporâneo.

A premissa é, enfim, para além de aproveitar os conteúdos que têm dificuldade em ser pauta nos veículos de comunicação tradicionais, construir uma revista cultural de qualidade. Com reportagens que não obedeçam à lógica do jornalismo tradicional, mas que sejam livres para serem desenvolvidas com base no formato livre de opinar, atendendo sempre aos critérios estabelecidos em uma obra de jornalismo literário, ou, na livre tradução para a sua denominação em inglês, “não-ficção criativa”. Para tal, ficamos com a definição de Felipe Pena em seu artigo “O jornalismo literário como gênero e conceito”, que acredita na potencialização de perspectivas referentes ao fato noticioso quebrando as amarradas do lide e do *hard news* sem perder o respeito informativo e os métodos de apuração da notícia.

2.1 OBJETO

2.1.1 **Mídia: revista**

Apesar da variedade de definições, a revista é comumente determinada por oposição a duas outras mídias mais antigas: de um lado, o jornal; de outro, o livro.

Se assumirmos as características propostas por Scalzo (2003) que definem o que é “revista” – qual seja: a) especialização, b) periodicidade e c) formato –, notamos que os três critérios propostos pela autora colocam as revistas – com elasticidade, claro – no meio do caminho entre os livros e os jornais.

- a) Elas não são tão *específicas* que mereçam um volume único, como o livro, nem se debruçam sobre tudo que seja noticiável, como os jornais. As revistas, em geral, são voltadas a um público definido, com temas também constrictos, além de escritas com determinada linguagem (visual e verbal) que trabalhe para esses hipotéticos públicos e temas.
- b) Revistas não são diárias nem únicas. Usualmente, adotam *periodicidade* semanal ou mensal (além das raras quinzenais, trimestrais etc.), o que lhes possibilitam a formulação de texto e diagramação mais dedicados¹ do que, por exemplo, os dos jornais. De outra maneira, existe, também nas revistas, uma *deadline* que limita o seu tempo de concepção – menor do que para livros, por outro exemplo.
- c) Em último, o *formato* marca a diferença mais visível entre as três mídias. As revistas são produzidas em papel e impressão de melhor qualidade, com acabamento mais refinado e em formatos menores do que os jornais. Porém, não tão bem impressos, acabados e pequenos, como os livros.

Essas três características, evidentemente, se constroem mutuamente no processo de produção de uma revista. Publicações semanais terão um menor número de páginas do que as mensais (que verse sobre o mesmo assunto), uma quadrimestral terá mais páginas do que uma mensal, e assim por diante. Isso, por sua vez, resulta em, e é resultado de, diferentes tipos de diagramação, texto e acabamento.

A *Erbauliche Monats-Unterredungen*, produzida na Alemanha em 1663, é considerada a primeira revista da história porque reúne este conjunto de especificidades que lhe põe nesse campo conceitual acima descrito. Da mesma maneira que, no Brasil, *As Variedades ou Ensaios de Literatura*, surgida em 1812 em Salvador (NASCIMENTO, 2002, p. 15), incorpora o título de primeira revista nacional.

Há de se mencionar, por fim, que o conceito de “revista” extrapolou os limites do jornalismo impresso para abarcar produtos de outros meios, como, por exemplo, o programa televisivo Fantástico da Rede Globo que se intitula como “revista eletrônica semanal”. Isso

¹ É corriqueira a presença de pautas “frias” – no jargão jornalístico, as pautas que não se referem aos acontecimentos do dia ou da véspera – em revistas. Como também é natural que as matérias sejam mais rebuscadas, por assim dizer, do que em jornais. Além da diagramação menos rígida, dos textos maiores etc.

deu margem ao surgimento de novas definições que tentam dar conta da mídia “revista” para além de suas características como meio (ver FARIA, 2002).

Acreditamos, todavia, que a definição proposta por Scalzo (2003), anteriormente delineada, é suficiente para aparar as arestas iniciais do produto-objetivo proposto neste projeto.

2.1.2 Elementos estruturais

Intentamos, aqui, pincelar os aspectos formais – relativos à parte física, material – presentes numa revista. Definições conceituais que se propõem a caracterizar e compor o conceito de “jornalismo cultural”, além do gênero “jornalismo literário” que ele abarca, serão encontradas no tópico subsequente deste trabalho.

Assumindo a separação entre uma metade textual (jornalística) e a outra visual (gráfica) na composição estrutural de uma revista de cultura, chegamos a dois tópicos que lhes são constitutivos: a) o desenho editorial e b) o projeto gráfico.

- a) É corriqueiro encontrarmos, dentre os diversos modos de construção, dois modelos de *estrutura editorial* em revistas culturais: por categorias de textos (resenha, crônica, crítica, reportagem etc.) ou por assunto (literatura, cinema, política, artes plásticas, dentre outras). Esse conteúdo jornalístico, por sua vez, deve dividir espaço, dentro da revista, com o conteúdo auto-referencial e a publicidade, seja qual for a sua distribuição editorial.

Chamam-se de conteúdo auto-referencial as seções que organizam a revista, como aspectos legais e informacionais – que não jornalísticos –, como cartas dos leitores, errata, equipe, tiragem etc.

Os anúncios publicitários são as principais fontes de receitas das revistas. Seus valores são hierarquizados pelo posicionamento e tamanho dentro da revista (páginas sequenciais são mais caras do que as simples). A quarta capa, por exemplo, é um dos espaços mais caros para inserção de publicidade porque é comum, numa primeira leitura descompromissada, que se folheie a revista pelo final.

- b) O *projeto gráfico* pode ser destrinchado, segundo a literatura de *design*, em nove componentes: marca, grelha (malhas gráficas), famílias tipográficas (fontes), posições, símbolos, medidas, logotipos, paginação, cores e modos de utilização de

imagens. Todos eles organizam as diferentes partes do desenho editorial, a fim de dar conta de suas especificidades, levando em consideração a própria *navegação* do leitor. (ver COLLARO, 1987)

Os supracitados modos de manuseio de uma revista são aspectos fundamentais na distribuição das editoriais através do projeto gráfico. As páginas centrais, por exemplo, onde estão os grampos, são preenchidas, não raro, pelo conteúdo mais importante da edição em questão, justamente pela facilidade em achá-las.

Deve-se notar que periódicos culturais costumam ser mais bem cuidados graficamente do que revistas semanais de *hard news*, por exemplo. Primeiro, pelo já mencionado tempo de preparação de uma revista deste tipo – que, geralmente, é de um mês – e, segundo, pela abertura criativa que o aspecto cultural desse arquétipo de revista possibilita (ver PIZA, 2011, p. 111).

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

4.1 JORNALISMO CULTURAL

4.1.1 Pequeno excurso histórico-conceitual

Embora seja tarefa impossível determinar seu início formal, podemos seguir Daniel Piza (2011, p. 12) e tomar a Inglaterra do início do século XVIII como um – entre, provavelmente, outros – marco primordial do jornalismo cultural. Em 1711, uma revista de nome *The Spectator* foi fundada por Richard Steele e Joseph Addison. Com a finalidade de “tirar as filosofias dos gabinetes e bibliotecas, escolas e faculdades, e levar para clubes e assembleias, casas de chás e cafés” (Steele; Addison apud. MELO, 2010, p. 2), *Spectator* assim faria, abordando assuntos dos mais variados aspectos:

“livros, óperas, costumes, festivais de música, teatro e política num tom de conversação espirituosa, culta sem ser formal, reflexiva sem ser inacessível, apostando num fraseado charmoso e irônico que faria o futuro grão-mestre da crítica. (...) A *Spectator* se dirigia ao homem da cidade, ‘moderno’, isto é, preocupado com modas, de olho nas novidades para o corpo e a mente, exaltado diante das mudanças no comportamento e na política. Sua ideia era a de que o conhecimento era divertido, não mais uma atividade sisuda e estática, quase sacerdotal, que os doutos pregavam.” (PIZA, 2011, p. 12)

Este jornalismo cultural, dedicado ao debate de ideias, valores e artes, surge num momento posterior ao Renascimento, quando a revolução industrial mudara a economia, no qual a imprensa foi inventada e o Humanismo saía da Itália para “civilizar” a Europa, influenciando tudo que encontrava pela frente, do teatro à filosofia, da política à economia.

O ensaísmo humanista de Montaigne (1533-1592), que embaralhava o erudito com o mundano – “do castelo para a taverna” (Ibidem, p. 13) – ainda no século XVI, não por acaso, tornou-se influência fundamental do jornalismo cultural bretão – de vínculo estreito com a cidade.

Construindo certo repertório temático-estrutural, *The Spectator* reunia, já na primeira metade do século XVIII, caracteres fundamentais do que viria a ser o jornalismo de cultura dali para frente: levar para o cidadão médio as questões anteriormente resguardados aos restritos círculos acadêmicos e escolares.

Da Inglaterra de Samuel Johnson, Daniel Defoe, Jonathan Swift, William Hazlitt e John Ruskin, da França de Charles Saint-Beuve, da Alemanha de G.E Lessing e Henrich

Heine, o jornalismo cultural ganhou o mundo. Edgard Allan Poe e Henry James, já no século XIX, eram críticos famosos nos EUA. No Brasil da década de 1890, Machado de Assis, José Veríssimo, Sílvio Romero e Araripe Jr. eram ensaístas, críticos e historiadores de literatura, discípulos daquele jornalismo cultural europeu.

É claro que muitas transformações ocorreram nesse grande período. Com a descoberta das reportagens, das entrevistas, do estilo mais incisivo e agudo das resenhas críticas de Bernard Shaw (inglês), Émile Zola (francês) e Karl Krauss (alemão) etc., o jornalismo cultural foi tomando a sua forma moderna, sem perder aquele brio inicial de falar para esse novo cidadão, mais consciente e ator dos seus problemas.

“Por mais que o Jornalismo Cultural tenha sofrido muitas mudanças durante sua história, há sempre alguns aspectos que se mantêm vivos e potentes em sua trajetória. Assim, se recorremos ao passado, é para encontrar nele o que permaneceu (...). E, nessa busca, encontramos regularidades fundamentais. Primeiro, a necessidade de democratizar o conhecimento e, segundo, o seu caráter reflexivo. São elas que definem o Jornalismo Cultural como uma prática singular e importante para a sociedade”. (MELO, p. 5, 2010)

4.1.2 O papel das revistas no jornalismo cultural moderno

A produção frenética de cultura no século XX, à reboque dos meios de comunicação de massa, trouxe o crescimento ostensivo das revistas e tabloides literários, que alimentavam e eram alimentados por toda aquela efervescência artística. Assim diz Piza (2011, p. 19):

“estude os ‘ismos’ todos lançados nas três primeiras décadas do século e você terá que estudar as revistas em que eles foram formulados e debatidos. Assim foi com o surrealismo francês, o futurismo russo, o imagismo americano: a expansão das vanguardas estava diretamente ligada à expansão da imprensa, dos recursos gráfico, do público urbano ávido por novidades. No Brasil, por exemplo, o modernismo paulista teve na linha de frente a revista *Klaxon*, título que significa ‘buzina’; e o buzinaço promovido por Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Victor Brecheret e outros no Teatro Municipal, a *Semana de 22*, deixa ecos até hoje.”

A crítica dos anos 1700 e 1800 havia, além de crescido, se transformado: não se tratava mais da presença de um esteta, como Oscar Wilde (1854-1900), “que prega uma forma de vida por meio de julgamentos artísticos e assim atrai discípulos” (Ibidem, p. 20). O crítico que nasce no início do século XX é “mais incisivo e informativo, menos moralista e meditativo” (Ibidem, p.20).

Mesmo que os críticos dessa geração não se dispusessem a encaixar a cultura num sistema de valores, que mixa estética e ideologia, as novas revistas culturais mantinham “a luta pela relevância da cultura no cotidiano das pessoas” (Ibidem, p. 20).

Os EUA são grande fonte de exemplo dessa nova safra de jornalistas culturais que figuravam na aurora do século XX. Os mais famosos são H. L. Mencken (1880-1956) e Edmund Wilson (1895-1972). Mencken editou as embrionárias *Smart Set* e *American Mercury* que legaram herdeiras como *Vanity Fair*, *The New Republic* e *The New Yorker* – editadas por Wilson.

Além destes – dentre tantos críticos que uniam requinte e *approach* literário nas revistas americanas da primeira metade do século passado, para deixar mais clara a influência retroativa entre meio artístico e jornalístico mencionada por Piza –, hão de ser citados os escritores, que tinham suas vezes de críticos, T.S. Eliot e Ezra Pound – o primeiro foi editor da *Criterion*, e o segundo, da *Poetry*.

Nos últimos anos, entretanto, exemplares de revistas culturais com alguma inteligência e sofisticação são cada vez mais raros. Sofrem forte pressão da grande imprensa, que, como qualquer indústria, é determinada cada vez mais pelas lógicas do consumo.

Dito de outra maneira, o jornalismo de cultura anda, ultimamente e de maneira crescente, sendo maltratado pela indústria da informação, sendo subjugado diante dos grandes fenômenos de audiência, das resenhas como guias de consumo, dos textos rápidos que mais parecem com *press releases* das assessorias de comunicação etc. Nota-se uma constante fuga daquele jornalismo cultural de qualidade, seja para os livros – nas coletâneas de ensaios, grandes reportagens etc.– seja para a internet, que assume o papel de caminho alternativo, sem as amarras das grandes editoras.

“Em todos os países há uma noção de ‘crise’ vigente. O jornalismo cultural, dizem os nostálgicos, já não é mais o mesmo. De fato, nomes como Robert Hughes hoje são mais escassos; revistas culturais ou intelectuais já não tem a mesma influência que tinha antes; críticos parecem definir cada vez menos o sucesso ou fracasso de uma obra ou evento; há na grande imprensa um forte domínio de assuntos como celebridades e um rebaixamento geral dos critérios de avaliação dos produtos. O jornalista cultural anda se sentindo pequeno demais diante do gigantismo dos empreendimentos e dos “fenômenos” de audiência.” (Ibidem, p. 31).

As revistas e cadernos culturais, enfim, têm preferido optar por uma mensagem rasteira, sempre se atendo, com efeito, aos sucessos instantâneos dos produtos da cultura de massa. Fazendo dela própria, a imprensa, rasteira e fugaz.

4.1.3 No Brasil

Além da geração de José Veríssimo (1857-1916) e Machado de Assis (1839-1908), já mencionada, José Lins do Rego, Vinícius de Moraes, Manuel Bandeira, Raquel de Queiroz, Mario de Andrade, Di Cavalcanti e Anita Malfati, em 1928, realizaram a revista *O Cruzeiro*, expressão fundamental do jornalismo cultural nacional (MOTA, 2010, p. 2).

Houve um rico casamento entre o poder mediador do jornalismo (como forma narrativa para grandes públicos) e a complexidade cultural (pela densidade estética e literária dos textos) naquela revista. “Nos anos 30 e 40, *O Cruzeiro* seria a revista mais importante do Brasil por sua capacidade de falar a todos os tipos de público” (PIZA, 2011, p. 33).

As crônicas, vale mencionar, sempre foram totem primordial deste elo entre poder mediador e complexidade cultural no jornalismo brasileiro. *O Cruzeiro*, não por acaso, é tipo exemplar disto.

“Se a tradição local em jornalismo literário – reportagens mais longas e interpretativas, perfis etc. – é pequena, o gosto nacional pelas crônicas, até certo ponto, sempre foi uma forma de atrair a literatura para o jornalismo, praticada por jornalistas, escritores e sobretudo por híbridos de jornalista e escritores. De Machado de Assis a Carlos Heitor Cony, passando por João do Rio, Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga, Paulo Mendes Campos, Otto Lara Resende, Ivan Lessa e outros, a crônica sempre teve espaço fixo nas seções culturais de jornais e revistas brasileiros e, portanto, é uma modalidade inegável do jornalismo cultural brasileiro.” (Ibidem, p. 34)

A partir da década de 50, os jornais impressos criariam os cadernos de cultura como seção obrigatória de seus calhamaços diários. Dentre eles, o primeiro foi o Jornal do Brasil, que, em 1956, criou o “Caderno B”, editado por Reynaldo Jardim e diagramado por Amílcar de Castro.

“Reunindo os mais significativos representantes da cultura nacional em suas páginas, como Ferreira Gullar, Clarice Lispector, Bárbara Heliodora e Décio Pignatari, entre outros, o caderno torna-se referência para a crítica cultural de sua época e até hoje é lembrado como alto da prática do bom Jornalismo Cultural.” (MOTA, 2010, p. 2)

Para não deixar de citar: Paulo Francis, Millôr Fernandes, Otto Maria Carpeaux, Álvaro Lins, Graciliano Ramos, Aurélio Buarque de Holanda, Antônio Callado, Augusto e Haroldo de Campos, Carlinhos de Oliveira, Bárbara Heliodora, Mario Faustino, Emílio Salles Gomes, Lourival Gomes Machado, Walter da Silveira, *O Pasquim*, *Opinião*, *Senhor*, *Folhetim e Letras* da Folha de S. Paulo, *Ideias* do Jornal do Brasil, *Quarto Caderno* do Correio da Manhã, dentre muitos outros, construíram a história do jornalismo de cultura brasileiro.

Todavia, seguindo a tendência mundial, esse tipo de jornalismo mediador, que revela de maneira acessível “que, em toda grande obra, de literatura, de poesia, de música, de pintura, de escultura, há um pensamento profundo sobre a condição humana” (MORIN, Edgar apud. MOTA, 2010, p. 6), tornando-se ele próprio objeto cultural – mesmo não falando de arte ou cultura –, está cada vez mais escasso por aqui.

4.2 JORNALISMO LITERÁRIO

Assumimos, aqui, o jornalismo literário como gênero do jornalismo cultural (ver PENA, 2008). Os conceitos encontrados na revisão de literatura sobre estes dois tipos de jornalismo se confundem aqui e ali, alguns autores sequer diferenciam um do outro. Ademais, discorrer, ainda que ligeiramente, sobre jornalismo literário ajudará a compor nosso recorte teórico sobre a revista proposta.

O jornalismo literário cumpre sua missão de informar sem as conhecidas amarras do tradicional modelo de estruturação de fatos relevantes na notícia. A pirâmide invertida dos acontecimentos, a obrigatoriedade do lide ou a necessidade de responder objetivamente as cinco perguntas essenciais do jornalismo (Quem? O Quê? Quando? Onde? Por quê e Como?) são descartadas. Felipe Pena (2008) acredita que esta forma livre de noticiar pode potencializar a prática do jornalismo oferecendo diferentes perspectivas para um mesmo fato noticioso, preservando a essência jornalística.

“Não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária em um livro-reportagem. O conceito é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide, evitar os definidores primários e principalmente garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira.” (Ibidem, 2008)

Já para Angélica Fabiane Weise, em seu artigo “Para compreender o jornalismo literário”, o estilo se aproxima a uma atividade artística, onde a qualidade dos elementos textuais ganha maior importância, além das informações contidas no texto.

“Este estilo de informar tem aspectos que o tornam, sem exageros, nobre perante outras formas de veiculação de notícia impressa. Por suas particularidades, exige talento, dedicação e grande capacidade de empatia por parte de quem o pratica, afinal a humanização, que é arte de tornar mais real o fato, geralmente está no DNA deste modo de fazer jornalismo.” (WEISE, 2013)

4.2.1 Pequeno histórico

Como não há um marco de um movimento, ou uma revista conceitual que possa datar a origem do nascimento deste gênero do jornalismo, podemos associá-lo às origens da crítica impressa e da produção literária em veículos de comunicação. Inclusive, neste caso, podemos citar grandes nomes da literatura como percussores desta vertente, a exemplo de Honoré Balzac, Victor Hugo ou Stendhal. Mas caso recortemos o seu enquadramento para um movimento reformista que quebrou o conceito de *hard news*, e que durante o século XX ajudou a estabelecer aquilo que Felipe Pena irá chamar de “subgêneros” do jornalismo literário, como o *new journalism*, o jornalismo gonzo, ou a ficção jornalística, podemos dizer que a popularização e a consolidação do gênero se deu a partir da segunda metade do século passado, com a publicação de produções que ajudaram a definir estes subgêneros, como *À Sangue Frio* (Truman Capote), de 1965; *Fama e Anonimato* (Gay Talese), 1969; *Honra Teu Pai* (Talese), 1971; e *Medo e Delírio em Las Vegas* (Hunter S. Thompson), 1972.

4.2.2 Jornalismo literário no Brasil

Podemos dizer que o berço do jornalismo literário no país se dá com a criação da revista *Realidade*, editada pela Abril, entre 1966 e 1976. Voltada para diversos assuntos, ela ganhou notoriedade por lidar com questões polêmicas da época de forma aberta e clara e se utilizar do gênero para tal (nem toda a revista seguida este estilo). Segundo José Carlos Ribeiro Marão, na publicação “*Realidade re-vista*”, o produto ajudou a colocar tabus na pauta das discussões do público-leitor.

“As pessoas que utilizam a *Realidade* como fonte para trabalhos acadêmicos não se dão conta de que muito do comportamento atual como liberdade para namorar ou “ficar”, o desprezo pelo tabu da virgindade, a igualdade de direitos da mulher, a possibilidade de casar, descasar, casar de novo – começou a despontar como mudança de comportamento no período 1966-1968... A criatividade na pauta e na finalização mostrava uma revista contestadora e irreverente, mas que nunca foi irreverente, mas que nunca foi confronto (MARÃO, 2010, p. 17).

O “jornalismo literário” encontrou mais repercussão no país a partir da produção de livros do gênero que se tornaram best-sellers, tal qual “*Olga*”, de Fernando Morais;

“Abusado”, de Caco Barcellos; “1968, O Ano que Não Terminou”, de Zuenir Ventura; “Notícias do Planalto”, de Mario Sergio Conti; entre outros.

Hoje, assim como as revistas culturais em geral, esse estilo sofre com os limites que o mercado editorial impões às publicações, mas encontra abrigo em poucas mas relevantes produções que ainda utilizam do gênero. A revista Piauí, editada pela Alvinegra e impressa pela Abril, foi lançada em 2006 e hoje é o carro-chefe do gênero no país, com tiragem de cerca 50 mil exemplares. Embora seu idealizador, João Moreira Salles descarte o termo com a justificativa de que é apenas “um nome pomposo, que quer se aproximar da eternidade da literatura”, seus textos respeitam os enquadramentos do gênero citados acima.

4.2.3 **Jornalismo literário na Bahia**

Embora muitas produções independentes tenham surgidos sazonalmente com a intenção de fazer jornalismo literário no estado, o mercado editorial baiano sempre careceu de publicações que fossem além do jornalismo convencional. A ressaltar, apenas o caderno “Correio Repórter”, do jornal de antigo nome “Correio da Bahia”, que hoje atende somente por “Correio”. Idealizado em maio de 2000 com projeto gráfico de Dadá Jaques, ele estreou com a extensa reportagem “Quilombos”, de autoria de Agnes Mariano, Mônica Celestino e Andreia Santana. O projeto durou até janeiro de 2008. “O *modus operandi* era o seguinte: você recebia a pauta e tinha 30 dias para apurar: bibliotecas, entrevistas, enfim, muita pesquisa. Eram quatro páginas de muito texto e um projeto gráfico ousado. Trabalhar no Correio Repórter era uma espécie de capacitação em História da Bahia e, de quebra, uma pós em Apuração”, relata Flávio Novaes, ex-repórter e editor do projeto. O projeto extenso permitia mais liberdade a repórteres como Alexandre Lyrio, Pablo Reis e Hilcélia Falcão a trabalhar em cima do gênero, o que foi uma novidade para a praça de Salvador e chegou a ganhar prêmios nacionais.

5 JUSTIFICATIVA

A revista aqui proposta se justifica por dois caminhos: um de ordem prática (sobre sua relevância social) e outro de ordem pessoal (relativos à trajetória pessoal dos autores). Começemos pelo segundo.

5.1 TRAJETÓRIA

5.1.1 Pedro Britto

Ingressei na Faculdade de Comunicação da UFBA em 2007 sem saber direito o que lá me esperava. Gostava de literatura, cinema e artes em geral quando soube, por alto, que a Facom se permitia a tudo isso, através do viés comunicacional e cultural que a arte carrega.

À época, inscrevi-me em Produção em Comunicação e Cultura, por ser o vestibular menos concorrido e que me daria acesso à Facom da mesma forma, já que jornalismo não era bem o que me interessava. Meu percurso na faculdade, porquanto, foi sempre guiado por aquele interesse germinal – o de estar mais próximo dos produtos de cultura, produzindo ou acessando.

No primeiro semestre, as aulas de Teorias da Comunicação, disciplina ministrada na época por Jeder Janotti Jr., trataram de me situar em que terreno estava pisando. Lá, eu descobri a trama emaranhada em que a arte estava envolvida, principalmente no último século, com o advento dos meios de comunicação de massa, que deram conta de embaralhar o erudito com o popular. Essa não seria a grande questão presente ao longo de toda a faculdade, qual seja, as reconfigurações dos objetos de cultura atrelados ao desenvolvimento tecnológico? Naquelas manhãs, eu vi que era realmente isso que procurava.

Por outro lado, Política da Cultura e da Comunicação, disciplina específica do curso de Produção Cultural, me dizia, naquele primeiro semestre, que eu tinha escolhido o curso errado. Discussões sobre carência de políticas governamentais para a cultura, sobre como reverter o proselitismo que a mídia massiva empregava, sobre como produzir cultura nessa seara etc., não eram, de fato, o que chamava minha atenção.

A grade curricular da Facom pode ser dividida em três seções: a) a veia teórica, comum aos dois cursos, e da qual Teorias da Comunicação faz parte, b) a veia prática, que especifica o conhecimento do aluno para a habilitação que ele escolheu e c) as disciplinas optativas, que lhe permitem estudar assuntos mais singulares, de acordo com seu interesse pessoal.

Foi pela veia teórica que me senti mais à vontade ao longo do curso. Eram as discussões gerais sobre cultura, por diferentes escolas de pensamento, que me encantavam. Decidi, desde então, que estudava Comunicação, que a habilitação em Produção Cultural seria uma coisa menor, de menos interesse.

Oficina de Produção Cultural, Oficina de Análise de Públicos e Mercados, Oficina de Assessoria de Comunicação, Oficina de Planejamento e Elaboração de Projetos Culturais e Oficina de Gestão Cultural confirmavam minha desconfiança, enquanto Semiótica, Estética da Comunicação, Comunicação e Tecnologia, Comunicação e Política, Comunicação e Ética e Comunicação e Cultura Contemporânea davam-me certo alento.

Além das matérias teóricas, utilizava as disciplinas optativas para especificar meu conhecimento nas diferentes linguagens culturais. Cursei, por exemplo, Cinema Internacional e Linguagem Cinematográfica com André Setaro e Iniciação à Fotografia com Oldemar Victor.

Apesar de só haver uma disciplina técnica relacionada à diagramação computacional na grade curricular da Facom, Editoração (COM331), quando estava no terceiro semestre em 2008, comecei a trabalhar na Objectiva Comunicação, uma agência de publicidade. Era estagiário do Estúdio, setor da empresa que finaliza os arquivos vindos da Criação (outro setor), para mandá-los para impressão. Este primeiro estágio durou 4 meses, de maio a agosto daquele ano, quando fui convidado para trabalhar numa campanha política para a prefeitura de Irará, interior da Bahia. De agosto a outubro daquele ano, fotografei, filmei e editei vídeos para a campanha de Derivaldo Pinto para a prefeitura, período em que tive que trancar a faculdade pela oportunidade de entrar no mercado de trabalho. Logo depois da campanha, fui estagiário de produção do filme “Trampolim do Forte”, de João Rodrigo Mattos. O convite para trabalhar tanto no filme como na campanha política partiu de outros estudantes que conheci na Facom.

Antes disso, no início de 2008, a faculdade tinha me proporcionado experimentar o vídeo – para além da COM112 (Oficina de Comunicação Audiovisual) no segundo semestre – através do CULT, Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. O CULT tinha um coletivo de audiovisual liderado por Mateus Damasceno, que ainda era aluno da Facom e que posteriormente me convidou para trabalhar no filme de João Mattos. Lá, podíamos usar os equipamentos para projetos pessoais, desde que cumpríssemos a pauta do Centro de Estudos – filmagem e edição do ENECULT, de palestras etc. – e cuidássemos do equipamento, evidentemente. Nesse coletivo, trabalhei como fotógrafo de vídeo e como editor, o que me

permitiu ser convidado por Roberto Martins, iraraense e também aluno da faculdade, para integrar a equipe da campanha política na sua cidade.

Retornei à Facom, assim como à Objectiva Comunicação no início de 2009. Saí do Estúdio para a Criação da Objectiva em abril. O conhecimento técnico que o trabalho no Estúdio me proporcionou, pôde ser aplicado à criação visual para a publicidade quando me mudei para a Criação. É lá que ainda trabalho, como diretor de arte.

Nesse meio tempo, Estética da Comunicação cursada com Monclar Valverde em 2009, foi de suma importância para minha formação como artista visual. As discussões sobre o aspecto sensível e atemporal da recepção dos produtos da comunicação massiva, assim como nas obras de arte, ancorados na sensibilidade humana – universal, ainda que mediada pela cultura dos indivíduos – destrinchavam a minha prática na arte publicitária. Mesmo sendo a “arte publicitária”, se podemos chamar assim, uma limitação. Afinal, tratamos de um setor que se submete à venda de produtos e ideias, à opinião de clientes, ignorantes ou não, que pagam por aquilo. Mais ainda num mercado provinciano como o baiano.

Mais à frente, descobri a relevância do jornalismo nas aulas de Comunicação e Política, com Wilson Gomes. Entendi que nossa consciência de mundo é mediada diretamente pelo jornalismo, já que não podemos ver nem sentir tudo que acontece no planeta. A noção de que o jornalismo se ocupa daquilo que nos escapa no cotidiano – faz-nos enxergar o mundo, mesmo sem experimentá-lo.

Diretamente influenciado pela faculdade, tanto por aula como por corredores, passei a ler Hunter S. Thompson, Truman Capote, Bernard Shaw, *New York Review of Books*, *The New Yorker*, Millôr Fernandes, Paulo Francis, Francisco Bosco, Mario Sergio Conti. Um leva ao outro. O encanto da literatura somado à atualização do jornalismo produz algo admirável.

Assim, em meados de 2012, quando desisti de uma monografia teórica que deveria confrontar Estudos Culturais e Estética, convidei Felipe Campos para se juntar a mim no trabalho de conclusão de curso. Faríamos uma revista cultural. Felipe era um amigo da Facom que compartilhava referências, inclusive de jornalismo literário. Decidimos nos juntar para fazer uma revista de jornalismo cultural, com textos de qualidade literária. Minha experiência com publicidade havia me oferecido subsídios para a concepção visual da revista e Felipe já trabalhava com jornalismo há algum tempo.

Reconciliando-me com a Produção Cultural, imagino, além de tudo, poder contribuir com o cenário cultural de Salvador com a produção de uma revista deste tipo, além de reforçar minha experiência profissional.

5.1.2 Felipe Campos

Em minha segunda passagem pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia – havia ingressado em Produção em Comunicação e Cultura em 2006 e abandonando um ano depois – assumi o desafio de, desde o primeiro semestre, tentar conciliar uma formação em paralelo à minha experiência no mercado.

Logo no primeiro período, 2009.1, fui aceito em um estágio na assessoria de comunicação da Empresa Gráfica da Bahia (Egba), responsável pelo Diário Oficial do Estado, onde tive minha primeira experiência no mercado. Em paralelo, como já havia eliminado algumas matérias introdutórias devido à minha primeira incursão pela faculdade, participei da revista laboratorial “Lupa 8”, na disciplina Comunicação Jornalística, com a professor Graciela Nathamson. Com a Lupa, eu tive meu primeiro aprendizado na produção de matérias para este veículo. Foram feitas entrevista, reportagem e um perfil do sociólogo Sérgio Vidal, que veio a ser publicado na revista.

Na segunda metade do ano, já estagiando na assessoria de comunicação do partido Democratas, sob a tutela dos jornalistas João Paulo Costa, Humberto Sampaio e Pacheco Maia, participei de outro projeto laboratorial na disciplina Oficina de Jornalismo Impresso, com a professora Malu Fontes. No “Jornal da Facom” foi onde tive a primeira impressão de uma rotina e do ambiente de uma redação de jornal.

Durante o primeiro semestre de 2010, aceitei meu terceiro estágio, como produtor da TV Câmara dos Vereadores, onde tive meu contato com o jornalismo político, segmento ao qual fui me especializando ao longo de minha formação. Em agosto de 2010, após ter sido indicado pelos jornalistas Victor Uchôa e Bruno Villa, fiz um teste do jornal CORREIO e fui selecionado para estagiar na editoria de Cidades.

Este estágio é, em minha opinião, o grande divisor de águas na minha formação como profissional. Sob a orientação dos jornalistas Linda Bezerra, Mariana Rios e Divo Araújo, tive a primeira experiência em uma grande redação de jornal e durante os seis meses em que estive lá fui tratado sem qualquer diferenciação para um repórter contratado.

Isso me fez ter um grande crescimento profissional. A exposição de meu nome no mercado e a oportunidade de escrever grandes matérias, como a série de reportagens sobre os arredores da Fonte Nova uma semana antes de sua demolição, a confissão do menor que detalhou a Chacina de Portão e uma reportagem que deu números ao comércio ilegal da Feiraguai.

Porém, como ônus, o meu envolvimento com o jornal me fez deixar a faculdade em segundo plano. Acabei por abandonar o semestre 2010.2 e só passei em uma disciplina em 2011.1. Este foi um dos fatores cruciais para aceitar um convite do sítio noticioso Bahia Notícias para trabalhar como repórter contratado especializado em política. A mudança, que em parte foi desaconselhada por colegas, também me acrescentou muito na minha formação. Trabalhando sob a orientação de Evilásio Júnior e Samuel Celestino aprendi muito sobre a relação repórter-e-fonte neste meio e a produção acelerada de notas jornalística de 20 em 20 minutos me ajudou bastante no dinamismo e na forma como hoje escrevo.

Trabalhando no Bahia Notícias como repórter de carteira assinada também me deu mais tempo para voltar a focar na faculdade – a rotina de 5 horas ao invés dos intermináveis fechamentos do Correio. Participei de mais projetos laboratoriais nas disciplinas Oficina de Radiojornalismo, Oficina de Telejornalismo e Oficina de Jornalismo Digital. Todos ajudaram a ampliar meu leque de conhecimento sobre os diferentes modelos de jornalismo no mercado.

Em fevereiro de 2012, devido à saída do então subeditor João Gabriel Galdea, fui promovido ao seu cargo, sendo o responsável pelas editorias internas do site (Esportes, Holofotes, Entretenimento, Justiça e Mercado). Este ofício me fez adquirir um novo conhecimento sobre estas seções jornalísticas que eu não tinha experiência. A lógica de editar textos, pautar repórteres, administrar uma rotina de redação e desenvolver novos projetos também me fez crescer muito como profissional.

Em julho de 2012, já com a grade curricular na Facom praticamente completa, só faltando o Trabalho de Conclusão de Curso, aceitei um convite após indicação de Pacheco Maia, Luana Rocha e Flávio Novaes para assumir a assessoria de comunicação do deputado federal Antonio Brito (PTB-BA), cargo em que me encontro até hoje.

Vale ressaltar que toda as experiências como repórter nas editorias Cidade e Política e editor em outras, foram aliadas ao meu prazer de ler revistas que oferecem espaço para o jornalismo literário, como Piauí, Serrote, Trip e Cult; as revistas laboratoriais da Facom, Fraude e Lupa; e as estrangeiras The New Yorker, The Big Issue e Rolling Stones. Isso tudo que foi adquirido, seja na academia, no mercado, ou no prazer da leitura, foram absorvidos na minha formação e sintetizados neste projeto ao qual chamamos de “Revista Baculejo”.

Dentro da revista, há uma reportagem minha onde me aventuro por esse estilo “literário”. “Um João Henrique na Parede” abrange toda a minha experiência de três anos cobrindo a cidade de Salvador e o seu meio político, em especial, uma entrevista concedida a mim e outros colegas na redação do Bahia Notícias em abril de 2012. A partir dela, e de outras situações, experiências e fontes colhidas neste período, desenvolvi o texto presente no projeto.

Outra reportagem assinada por “Paulo Saturnino”, “Militâncias e fotocópias”, foi na verdade feita por mim, sendo o autor um pseudônimo criado. Entre os motivos, está o desejo de não repetir um mesmo autor na revista. A reportagem que também se aventura pelo estilo “jornalismo literário” foi desenvolvida com base em uma outra reportagem minha, “Outras bandeiras, outras lutas, outros significados”, escrita para o projeto Impressão Digital 126” da disciplina Oficina de Jornalismo Digital”, ministrada por Suzana Barbosa. Com novas fontes, novos dados e uma nova ótica, o texto tenta descrever a partir das conversas e dos pontos de vista apresentados como é representar o movimento estudantil em uma instituição que cada vez mais te trata como cliente, antes de tratar como aluno.

Também editei as reportagens “Trocando Sonhos no Cinema” e “Oriente-se” e traduzi em parceria com Pedro Britto os textos “Máquina Política” e “Ansiedade na Grama”. Encaramos a este trabalho de conclusão como o portfólio final de nossa formação. Aqui está tudo que colhemos da faculdade e do mercado, as lacunas que sentimos e o que estamos dispostos a oferecer.

5.2 RELEVÂNCIA

Nossa experiência como leitores, além da revisão bibliográfica, fez-nos observar que o jornalismo cultural brasileiro já não é como antes. Os grandes autores do passado encontram um ou outro equivalente no panorama atual. Com exceção de poucas revistas, como a *Piauí* (mensal) ou a *Serrote* (quadrimestral) editadas pelo Instituto Moreira Salles, e de raros cadernos culturais dos jornais diários, como uma edição ou outra da *Ilustríssima* da Folha de S. Paulo, que ainda conta com Ruy Castro, Carlos Heitor Cony, Inácio Araújo, Luiz Felipe Pondé etc., o cenário de hoje nos lega sempre uma sensação de falta.

Em busca deste tipo de leitura, nossa alternativa tem sido recorrer às revistas e jornais internacionais que se fazem disponíveis na internet – *New York Review of Books*, *The Spectator*, *The New Yorker*, *Le Monde*, *The Economist* etc. – ou às antologias em livros, autorais ou institucionais, disponibilizadas pelo mercado editorial brasileiro.

6 DESENVOLVIMENTO DO PRODUTO

A “Revista Baculejo” começou a ser desenvolvido em maio de 2012, quando os dois graduandos chegaram ao acordo de elaborar um produto de comunicação como trabalho de conclusão de curso. Até o sexto semestre, quando cursamos a disciplina Desenvolvimento de Projeto Orientado, estávamos a desenvolver trabalhos distintos que não foram levados adiantes por uma série de motivos.

A princípio, havia apenas o consenso em fazer uma revista cultural que juntasse trabalhos de nossa autoria, textos de amigos e traduções inéditas de reportagens de veículos estrangeiros. Em conversa com o professor responsável pela orientação do trabalho, Maurício Tavares, que aceitou nosso convite neste mesmo mês, o projeto foi delimitado a ser uma revista cultural de jornalismo literário – produto que carece de mercado na Bahia e só encontra poucos exemplares de circulação nacional – com um foco maior em assuntos locais. Por volta de julho de 2012, nosso anteprojeto do produto ainda sem título foi apresentado e aceito pela Faculdade de Comunicação sob o título genérico de “ANTEPROJETO DE CONCLUSÃO DE CURSO: REVISTA DE JORNALISMO CULTURAL”.

A partir daí, em encontros quinzenais com nosso orientador, fomos definindo a estrutura da revista e escolhendo temas, estilos e colaboradores que definiriam o nosso projeto. Duas traduções da revista estadunidense *The New Yorker* foram selecionadas em novembro de 2012. “Máquina Política”, do escritor David Kushner, reportagem publicada em maio de 2012; e “Ansiedade na Grama”, do crítico de arte Calvin Tomkins, com seu perfil do tenista Roger Federer, publicado em junho de 2010. A escolha dessas duas reportagens se dá pelo assunto que tratam, pela atualidade de seus textos para os temas que abordam e pelo próprio estilo literário com que foram elaboradas.

Foi apenas no começo do ano de 2013, no início de fevereiro, que a revista ganhou o seu nome definitivo, “Baculejo”, o que fomentou a fase mais produtiva de todo o processo, quando definimos o subtítulo que iria pautar a maioria das publicações “Elementos suspeitos em revista”, as editorias associadas ao nome do veículo “ABORDAGEM, REGIONAL, COMANDO, CIRCULAR, ATIVIDADE SUSPEITA e LIBERADO” e toda a estética do projeto.

A escolha do nome veio de nosso desejo em passar uma mensagem simples, direta e vinculado ao local. “Baculejo” é uma gíria baiana para abordagem policial, amplamente usada por todas as faixas etárias e classes sociais. Geralmente está vinculada à ideia de intransigência, violência e má conduta por parte de autoridade em questão – o que também

acaba dialogando com o projeto de quebrar estruturas comuns no mercado local, em uma abordagem que não respeite muito a lógica tradicional da produção jornalística.

Outro fato bastante relevante para o título foi o uso do chiste com a palavra “revista”, que acabou nos oferecendo dois significados quando exposta no subtítulo. Uma observação: a princípio, o nosso primeiro subtítulo pensado foi “pequenos elementos em revista”, que acabou sendo modificado após debates entre os participantes e o orientador.

Já as editorias que atendem a nomes relacionados ao tema “Baculejo”, que remetem também a uma linguagem da corporação das polícias militar e civil, obedecem a este mesmo conceito de “desrespeito” às lógicas tradicionais onde os assuntos tratados geralmente são incluídos.

“Abordagem” foi o nome designado para o texto inicial, uma mensagem introdutória, simples e leve para o leitor que inicia sua incursão pela revista. Uma crônica do dia-a-dia que dialoga com assuntos banais, no caso do modelo-piloto, o carnaval.

“Regional” foi o nome dado para a editoria que cuida de elementos locais de Salvador e Bahia, em uma associação ao nome dado a um grupo especial da Polícia Militar que cuida da ordem em uma região interurbana. Há nesta editoria uma matéria sobre Cuíca de Santo Amaro, outra sobre Diumbanda – o cantor da “Boquinha da Garrafa” – e, mais uma, sobre o Cine Tupy, que hoje exhibe cinema pornô. Para abrir a editoria, contamos com a colaboração de Rafael Martins com um ensaio fotográfico sobre a Bahia. “Vagalumes” é sobre Igatu, pequeno município na Chapada Diamantina repleto de ruínas da época do Ciclo do Diamante. Martins revive as ruínas com a técnica fotográfica do *light painting*.

“Comando”, palavra comumente usada pelas corporações policiais para designar classes superiores e oficiais, aqui foi usada para abranger assuntos relacionados à política. Um perfil do ex-prefeito João Henrique, uma reportagem que descreve um diretório central estudantil em uma faculdade particular, ou um garoto que iniciou um combate político pelo meio digital fazem parte desta seção. Para abrir esta editoria, utilizamos o ensaio *Piggy*, de Elcio Carriço, pela expressão homônima inglesa que se refere à políticos, elite, nobreza etc.

“À Paisana”, termo técnico para descrever civis ou militares que não estejam em uniformes, ou trajes peculiares, aqui foi usado para tratar de assuntos lúdicos, como atividades esportivas, um perfil de um tenista, ou especiarias. O ensaio que abre esta editoria é *London*, também de Elcio Carriço, por figurar a cidade-cenário de dois dos textos presentes ali.

“Atividade Suspeita” foi a seção destinada à produção de criações artísticas, já que caminhamos entre a criatividade artística e a responsabilidade jornalística: um conto sobre sexo e juventude e uma poesia sobre a decadência do Centro Histórico de Salvador. O título

faz alusão à ideia de que a produção cultural e de elementos artísticos, no mundo corporativo, institucional, seria algo indesejável, “suspeito”.

“Liberado”, assim como a editoria que abre a revista, está destinado ao tema livre. Aqui, neste projeto piloto, uma crônica histórica sobre o embate *idem*, Holyfield vs. Todo-Duro. Seria o fim do “baculejo”, quando os “elementos suspeitos” estão livres para criar.

Pedro Britto ficou responsável pela diagramação e pelo *design* da revista – que teve seu primeiro leiaute exibido e aprovado pelo nosso orientador em janeiro de 2013 –, além de ficar responsável pela impressão – e Felipe Campos pela produção textual do projeto. Apesar da designação das responsabilidades de ambos, tanto a parte gráfica quanto a parte textual foram desenvolvidas em parceria, com encontros semanais que se intensificaram na segunda metade de janeiro.

Já mantínhamos contato, desde dezembro de 2012, com jornalistas que produziam criações textuais que assemelhavam-se à estética de projeto. Eles publicavam principalmente na internet, carentes de um espaço impresso propício para seus trabalhos de jornalismo literário ou “órfãos” de antigas publicações. Com a definição completa do produto, garimpamos textos que abordavam assuntos de nosso interesse para a revista. Dentre todos, ressaltamos três veteranos desta instituição, que não só cederam seus trabalhos, como foram grandes entusiastas do projeto.

Pablo Reis, hoje diretor de programa jornalístico de uma emissora baiana, que mantém o blog “Co-Relatos”, onde publica reportagens antigas do tempo em que foi repórter das extintas Revista da Metrópole e do caderno especial do jornal Correio da Bahia, Correio Repórter. A matéria escolhida, “Um galo na testa de Diumbanda”, havia sido publicada no Correio Repórter de outubro de 2007 e foi reaproveitada para a revista, gentilmente cedida pelo escritor e pelos detentores dos direitos sob o antigo jornal.

Franciel Cruz, jornalista, funcionário público e responsável pelo hoje inativo blog “Ingresia”, que cedeu o texto “A Casa (Nunca) Cai”, e também foi um grande entusiasta do nosso projeto.

Ricardo Sangiovanni, hoje professor substituto da Facom na disciplina Oficina de Assessoria de Comunicação e colaborador dos blogs “Nota de Rodapé” e Purgatório” – este último, onde primeiramente foi publicada a crônica “Holifield vs Todo-Duro”, texto final da revista.

Todos esses trabalhos foram garimpados e cedidos por volta de janeiro de 2012, utilizando a internet como principal meio de comunicação. Junto com eles, ainda há a colaboração de nossos colegas de profissão, Victor Uchôa, José Marques, e Rafael Martins,

além de outros colaboradores que cederam gentilmente seus materiais sem qualquer custo. André Leal, por exemplo, que fez a ilustração que ladeia “A Casa (Nunca) Cai”, não era nosso conhecido. Nos conhecemos através da internet, e por ela mesma, conseguimos autorização para publicar sua ilustração.

Esta revista conta com 9 produções inéditas, dentre as quais, “Um João Henrique na Parede”, “Militância e Fotocópias”, “Trocando Sonhos no Cinema” e “Oriente-se” foram desenvolvidas exclusivamente para o projeto entre janeiro e março de 2013. O editorial, assim como o expediente da revista intitulado “Boletim de Ocorrência”, foi desenvolvido em fevereiro pela autoria de ambos, assim como todas as denominações de todas as editoriais.

A primeira boneca da revista foi impressa no final de fevereiro, sendo sua versão final apresentada na primeira metade de março. Os três exemplares da revista que seguem para os componentes da banca foram impressos de favor, numa gráfica de um amigo de Pedro em 9 de março.

A produção do memorial, que teve como base o nosso anteprojeto apresentado em novembro de 2012, foi iniciada na segunda metade de janeiro sob a orientação da Maurício Tavares.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento e a conclusão do trabalho trouxe a seus realizadores a certeza de que no campo da comunicação na Bahia não faltam entusiastas de um projeto que alie todos os tópicos aqui detalhados.

Nossos colaboradores, que não receberam nenhum tipo de vantagem para ceder seus trabalhos, foram os principais incentivadores deste modelo novo e aprovaram o material, bem como colegas do meio e tradicionais consumidores deste tipo de produto.

Sob a orientação de Maurício Tavares, que nos fomentou com a bagagem acadêmica necessária para a realização desta revista, acabamos por desenvolver novas habilidades e novos conhecimentos sobre o assunto ao qual escolhemos nos debruçar.

Ao final, podemos concluir que material humano, entusiasmo do meio e aprovação de quem já costuma consumir revistas culturais e/ou jornalismo literário não falta em Salvador para que a realização de um projeto como esse tente se tornar viável comercialmente.

Como não nos debruçamos sobre as lógicas de mercado, nem a viabilidade editorial, ficando apenas com o desenvolvimento conceitual da revista, não podemos sugerir o seu sucesso ou não.

Apenas ficamos com a certeza de que não faltam amigos do bom texto e do interesse em encontrar mais publicações que se arrisquem a ir além do que o mercado hoje tem a nos oferecer.

8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COLLARO, Antonio Celso. **Projeto Gráfico: Teoria e Prática na Diagramação**. São Paulo: Summus, 1987.

DESLANDES & MINAYO, Maria Cecília de Souza (Orgs.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008.

FARIA, José Neto de. **Mutation Magazines: The Media Out of Medium**. In: 23^a Conference and General Assembly AIECS / IAMCR / AIERI, 2002, Barcelona. 23 Conference and General Assembly AIECS / IAMCR / AIERI – Intercultural Communication. Barcelona: Institut de la Comunicació – Incom-UAB y Univesitat Autònoma de Barcelona – UAB, 2002.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à pesquisa científica**. 3ed. Campinas/SP: Alínea, 2003.

MARÃO, José Carlos; RIBEIRO, José Hamilton. *Realidade revista*. Santos: Realejo, 2010.

MELLO, Isabelle Anchieta de. **Jornalismo Cultural: pelo encontro da clareza do jornalismo com a densidade e a complexidade da cultura**. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação: 2010. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/melo-isabelle-jornalismo-cultural.pdf>>. Acesso em: jul. 2012.

MORAES, Letícia Nunes de. *Leituras da revista Realidade: 1966-1968*. São Paulo: Alameda, 2007.

NASCIMENTO, Patrícia Ceolin. **Jornalismo em revistas no Brasil: um estudo das construções discursivas em Veja e Manchete**. São Paulo: Editora Annablume, 2002.

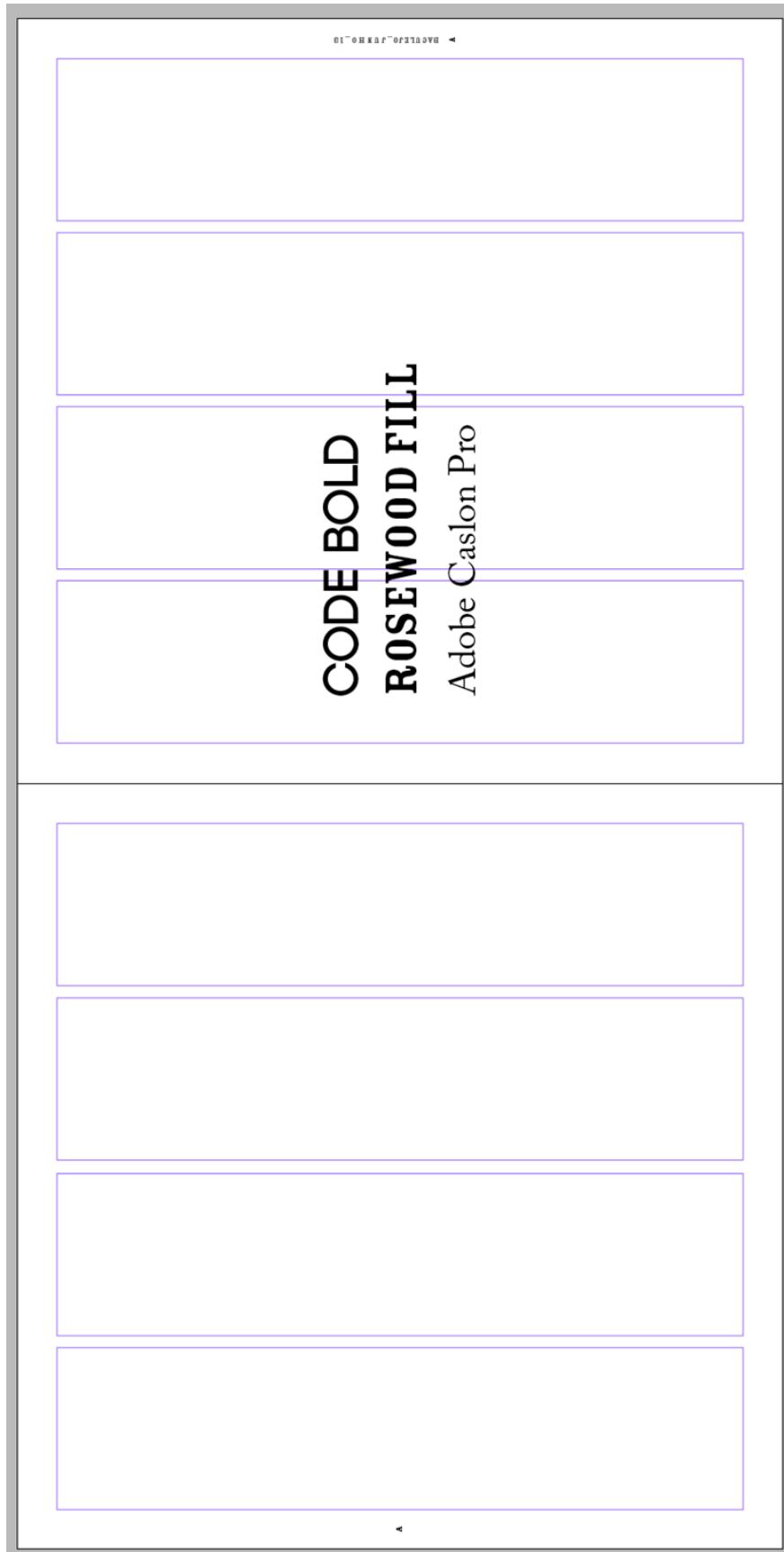
PENA, Felipe. *Jornalismo literário*. São Paulo: Contexto, 2008.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de Revista**. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

WEISE, Angélica Fabiane. *Para compreender o jornalismo literário*. São Paulo, 2013. Disponível em <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed730_para_compreender_o_jornalismo_literario> Acesso em fev. 2013.

ANEXOS



ANEXO A – GRELHA E FONTES UTILIZADAS

ANEXO B – MARCA E CAPA



ANEXO D – EXEMPLO DE ANÚNCIOS INSTITUCIONAIS

